



José Lourenço

Está porreiro!

“Dezasseis médicos cubanos começaram no dia 21 a ser recebidos nos centros de saúde dos cinco concelhos do Litoral Alentejano, prevendo-se que iniciem o seu trabalho em Setembro. Preenchidos ficam assim na sua quase totalidade os quadros daquelas unidades de saúde, onde se registam 35 mil utentes sem médico de família. A inclusão destes clínicos nos quadros dos Centros de Saúde de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira enquadra-se no processo de contratação de 44 médicos cubanos para o Alentejo, Algarve e região de Lisboa e Vale do Tejo, anunciada na passada semana pelo Ministério da Saúde.”

Sobre este assunto dos médicos estrangeiros, qualquer que seja a sua nacionalidade, merecem todo o meu respeito. Desde o período pós descolonização, pelo papel que tiveram em África, apercebi-me mais vivamente do papel missionário destes profissionais de saúde, como sucede com os voluntários das associações humanitárias, por todo o mundo, em teatros de guerra, etc.

Acho que a universalidade da matéria, a Saúde Humana, coloca os médicos, independentemente da sua nacionalidade, em condições de exercer a sua actividade em condições de dignidade e segurança para eles e para os doentes em qualquer parte do mundo, nomeadamente em quadro agudo de acção, independentemente da sua origem.

Já no que toca à medicina familiar, coloca-se uma situação bem mais complexa: interpretar e desenvolver a história clínica de pessoas, bastas vezes de cultura limitada, e estabelecer diagnósticos correctos, exige apreender a cultura do doente e todo o seu meio envolvente.

Recentemente, um desses médicos a prestar serviço em Portugal escreveu no relatório de exames auxiliares de diagnóstico que havia pedido para um dos seus doentes: Está porreiro!

A expressão é normal, corrente e utilizada por muita gente, como se sabe. Mas levanta dúvidas o contexto da sua utilização, e por acréscimo, à forma como, no acto da consulta, decorre a comunicação em ambos os sentidos. Outro problema prende-se com o investimento que o país faz em termos de especialização destes profissionais, que acabam, mais tarde ou mais cedo, por voltar aos seus países.

Quer dizer, estivemos a pagar para os outros.

Há também o risco futuro para os actuais estudantes de Medicina.

A questão que eu me coloco constantemente sobre este tema é: Porquê?

Porque é que durante anos a fio se exigiram médias obscenas aos estudantes para cursarem medicina? É impossível ter um bom médico com médias de 19 e 20. Esses são bons para a investigação e ficarem fechados horas a fio como ratos de laboratório (respeitosamente).

O médico que se procura é português, teve médias de 14 ou 15, apanhou uns pifos durante o curso, foi intérprete de vida vivida do seio daqueles que supostamente vai tratar mais tarde. Quem tem médias de 20 nem sabe o que são pessoas nem ejaculações precoces na primeira vez que se dá uso à coisa.

Assim, quando vejo estes médicos a virem do estrangeiro, penso nos potenciais médicos que nunca o chegaram a ser e na vergonha (infelizmente da falta de responsabilização) de ministros e nobres professores. 